

Espaço e identidade em *Quarenta Dias* (2014), de Maria Valéria Rezende

RESUMO

Andreza Braga Modesto
drezamodestobraga@gmail.com
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil.

O propósito deste trabalho consiste em analisar a obra *Quarenta dias* (2014), de Maria Valéria Rezende, para dialogar com as tendências da literatura brasileira contemporânea. A obra torna-se referência ao tempo vivenciado nas ruas, transitando e dormindo pelos cantos da cidade e, por essa razão, mostra a representação do espaço e da experiência subjetiva do indivíduo. Partindo deste recorte, este trabalho investiga a espacialidade narrativa como reflexo da identidade no romance. Metodologicamente, a pesquisa é de cunho qualitativo, pautada na análise literária e ancora-se no método bibliográfico-exploratório.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Valéria Rezende. Espaço ficcional. Romance. Identidade.

INTRODUÇÃO

Maria Valéria Rezende trabalha com temas importantes em sua literatura, tais como a proposta de uma visão social e política, crítica feminista, discursos produzidos nos interstícios da experiência social vivida pelas personagens. Sua produção contemporânea vem alcançando marcas literárias distintivas na contemporaneidade por apresentar eixos temáticos que oscilam entre movimentos migratórios, a precarização do trabalho, o problema das pessoas desaparecidas e a marginalização do espaço rural e urbano.

Tomando essa variedade de temas, este trabalho concentra-se em analisar o espaço da cidade como reflexo da identidade no romance *Quarenta dias*. Para responder a esse problema de pesquisa, analisamos o espaço ficcional e investigamos a forma pela qual esses temas se entrecruzam e funcionam como elementos ficcionais utilizados pela escritora brasileira.

A justificativa da escolha específica por *Quarenta dias*, de Maria Valéria, como fonte primária de análise deste trabalho, deve-se ao interesse atual pela obra, pela relevância literária, pois, no livro apresentam-se as vicissitudes dos espaços urbanos, o deslocamento geográfico, os aspectos da identidade. Além disso, o trabalho se alicerça no interesse de contribuir para duas frentes que dialogam. Na primeira, para o campo teórico, com a construção dos estudos dos espaços ficcionais em literatura brasileira contemporânea. Na segunda, com a literatura que se acerca da temática da análise de uma obra ficcional. Do mesmo modo, atende às questões de pensar a experiência estética, a análise literária ligada à temática do espaço ficcional e identidade em um enredo narrativo, que afeta o universo ficcional do romance.

Quarenta dias, livro publicado no ano de 2014, conta a história a partir do olhar de Alice, ao anotar num caderno escolar – que ela chama de Barbie, seu mergulho gradual em dias de desespero, deslocada na cidade e perdida numa periferia empobrecida que ela não conhece, à procura de um rapaz que ela não sabe ao certo se existe. Moradora de João Pessoa, até o dia em que larga tudo para se mudar para Porto Alegre, em Rio Grande do Sul. O enredo também começa por um deslocamento geográfico e por uma forte decepção afetiva. Alice, narradora do romance, é obrigada a deixar a Paraíba pela insistência de sua única filha. Norinha, que mora em Porto Alegre e quer que a mãe se mude para perto e a ajude com a criança que vai nascer. Conquanto, a reviravolta familiar a deixa abandonada à própria sorte, numa cidade que lhe é estranha, e a impossibilita de voltar ao antigo lar. Ao saber que Cícero Araújo, filho de uma conhecida da Paraíba, desapareceu em algum lugar, ela se lança numa busca incansável. Para descrever a sua epopeia, ela se vale apenas de um caderno escolar e uma esferográfica. Essas vivências rodeadas por sentimentos de estranheza e distanciamento, contadas pela personagem, formam o alimento para nutrir sua escrita que se desdobra numa espécie de resgate de memória, uma luta contra o esquecimento e construção da própria identidade.

O escopo deste artigo é pautado na análise do espaço ficcional e, mais precisamente, o reflexo desse espaço na identidade da personagem. Interessa observar, desse modo, a forma como a cidade é descrita, qual o seu reflexo na protagonista. A movimentação pelo cenário urbano, ruas, bairros, rodoviárias,

formam os desenhos dos mapas de trilhados pela personagem Alice. Daí o interesse em mapear o olhar de quem observa (DALCASTAGNÈ, 2003).

A literatura da escritora Maria Valéria Rezende é marcada pela pujante demonstração dos espaços geográficos, o espaço rural do sertão nordestino e o urbano marcado pelas precariedades da metrópole brasileira. A reflexão parte das representações desse espaço da cidade e também das consequências dinâmicas que os seres humanos transitam e se relacionam com os lugares. Além disso, um fator de grande relevância para a narrativa são as recorrentes intertextualidades, o que faz de *Quarenta dias* (2014) uma produção pós-moderna consistente. Interessa, antes, perceber até onde a experiência analisada em uma obra literária brasileira se constrói. A intenção é trazer essa reflexão a partir do ponto de vista do narrador-estrangeiro. Assim, portanto, pode ser mencionado que é significativo estudar a autora Maria Valéria. Suas obras engendram temas como os espaços urbanos, o drama de pessoas desaparecidas e as questões sociais.

ESPAÇO FICCIONAL

Marisa Gama-Khalil (2010) fornece uma ampla fonte bibliográfica sobre a construção do espaço ficcional, argumentando a respeito das possibilidades de analisar o espaço como tendência contemporânea de estudos literários, além da relevância para a crítica literária. A pesquisadora cita e sugere autores cujas pesquisas exploram o espaço como elemento constitutivo da narrativa, como Walter Benjamin e Luis Alberto Brandão.

Aos que se dedicam pelo estudo do espaço, Luiz Brandão e Silvana Pessôa trazem apontamentos para o campo da literatura. Segundo afirmam,

[...] as mutações no espaço ocorrem por conta do sujeito de memória, que pretende solidificar a construção textual, simbólica, a partir da materialização de determinados lugares. Casas, ruas, bairros, cidades tornam-se locais privilegiados para a emergência das recordações (BRANDÃO; PESSÔA, 2019, p. 84).

Fundamentada na crítica literária, interessa aqui pensar, a partir de um discurso da experiência que a personagem da narrativa cruza os espaços geográficos, a fim de não encontrar um objetivo, mas sobretudo entrar no jogo de estabelecer relação com o lugar por meio do qual está estreitando identificações. Os autores trabalham com fontes bibliográficas de teóricos que podem ser utilizados para analisar uma narrativa, tal como é o caso de Walter Benjamin.

O filósofo alemão Walter Benjamin admite que sua obra pode ser definida por uma preocupação nuclear com a experiência na metrópole moderna. É sabido que Benjamin, em especial a partir da obra do escritor francês Charles Baudelaire, pensa o espaço da cidade enquanto lugar de emergência de um tipo especial de sujeito: o *Flâneur*, andarilho que vaga pelas ruas, lançando sobre a cultura urbana um olhar simultaneamente atento e distraído, crítico e cúmplice (BRANDÃO; PESSÔA, 2019, p. 85).

A prosa de Walter Benjamin joga com a imagem de labirinto, ao transmitir a mensagem de se perder nas ruas como se perde numa floresta que, segundo ele,

demanda coragem, ou seja, o sujeito escolhe se perder, de modo proposital, para aprender. Noutra observação, o labirinto habita e é muito valorizado no pensamento do filósofo para se falar sobre a modernidade e a vida. Não só no espaço e lugar, mas também no espaço da memória e identidade, que o filósofo traz reflexões. Certamente, a produção literária do autor alemão ilustra o movimento de entrar em caminhos bifurcados e o exercício de lembrar de cenas das quais estão em constante mudança e escapam às mãos, por serem escorregadias, pois, como adverte Marx, citado por Berman: “tudo que é sólido desmancha no ar” (BERMAN, 2007, p. 17). Não é à toa que a cidade pintada por Benjamin aparece como uma personagem, a qual será de certa maneira animalizada, aparecendo como matéria viva, que denota um ritmo acelerado. Dessa forma, a seguinte passagem demonstra esses aspectos:

Não há nada de especial em não nos orientarmos numa cidade. Mas perdermo-nos numa cidade, como nos perdemos numa floresta é coisa que precisa de se aprender. Os nomes das ruas têm então de falar àquele que por elas deambula como o estalar de ramos secos, e as pequenas vielas no interior da cidade mostrar-lhe a hora do dia com tanta clareza quanto um vale na montanha (BENJAMIN, 2020, p. 78).

O trecho citado faz parte do livro *Rua de mão única* (2020), que reúne uma série de textos, fragmentos e aforismos em que Walter Benjamin registra temas como os seus sonhos pessoais, monumentos, galerias, casas, ruas, a partir da observação desses lugares e de sua memória de infância. De acordo com Marcos de Menezes, o narrador benjaminiano “vive em constante tensão com o espaço narrado, algumas vezes, chega mesmo a não compreender o que se passa ao seu lado” (MENEZES, 2003, p. 1). Dessa maneira, dramatiza e projeta por meio da memória e identidade a experiência de onde passa a infância em seu texto:

As pequenas escadas, os alpendres sustentados por colunas, os frisos e as arquiteturas das *villas* do Tiergarten, tudo isso era pela primeira vez por nós tomado à letra. Acima de tudo as escadas, ainda as mesmas, com as suas vidraças, se bem que no interior das habitações muita coisa tivesse mudado. Sei ainda os versos que, depois da escola, preenchiam os intervalos dos batimentos do meu coração quando fazia uma paragem ao subir na escada (BENJAMIN, 2020, p.79).

A partir desse fragmento, cabe pensar o quanto o sujeito é suscetível a essas narrações, por ser afetado pela palavra e construir uma imagem mental dele mesmo, de seu corpo e do exercício em descrever os objetos para perdurar a figura desses elementos. Por certo, Brandão e Pessôa (2019, p. 85) salientam: “Descrever os objetos situados nesses espaços funciona como tentativa de cristalizar o tempo passado, petrificar os lugares da memória. Essa a tarefa do memorialista”.

Para ter uma ideia da importância dessa categoria nos estudos literários, Yi-Fu Tuan notabilizou-se por explorar o tema. É válido pensar até o momento, como o tato, o olfato, a visão e o paladar, a noção dos sentidos, fazem parte e, em grande medida, estão imbricados na perspectiva espacial de cada sujeito, ao se relacionar com o lugar. O que se estuda neste trabalho envolve, principalmente, essa relação da personagem com o meio ambiente no qual está inserida.

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Essas maneiras variam desde os sentidos mais diretos variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização (TUAN, 2015, p. 13).

A pesquisa feita por Yi-Tuan traz como linha argumentativa, em *Espaço e lugar*, as potencialidades do ser humano para experimentar. O geógrafo sino-americano, que ajudou a propagar e trazer reflexões sobre o lugar no mundo, a partir dos anos de 1970, faz uma abordagem descritiva, em seu livro, explorando uma pesquisa etnográfica, geográfica, literária – sobretudo, humanista. Apesar de ampla, sua exploração com vasta fonte bibliográfica que visa mais a questionar ao invés de concluir, traz algumas questões para refletir como os seres pensantes se relacionam com a própria natureza e sua prática com o projeto de um *habitat* mais humano (TUAN, 2015). Para se acercar do tema, “‘experientiar’ é vencer os perigos. A palavra ‘experiência’ provém da mesma raiz latina (*per*) de ‘experimento’, ‘experto’ e ‘perigoso’”. (TUAN, 2015, p. 14). Tuan elucida que as emoções contornam e ajudam a colorir a experiência humana, mesclando-se com os níveis do pensamento:

Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência. A outro lugar pode faltar o peso da realidade porque o conhecemos apenas de fora – através dos olhos de turistas e da leitura de um guia turístico (TUAN, 1988, p. 22).

Ademais, o geógrafo sino-americano explora tanto o significado do termo experientiar quanto o sentido deste ao se relacionar com as sensações que incitam o sentimento em estar no espaço. Diante disso, “os espaços do homem refletem a qualidade dos seus sentidos e sua mentalidade” (TUAN, 2015, p. 20). Entretanto, existe a necessidade de questionar e constatar logo em seguida que vivência se descola da experiência, em alguns casos específicos –, até onde foi pontuado nessas argumentações. Noutra linha de pensamento, as pessoas no campo de concentração nazista viveram o trauma e estiveram isentas de simbolizar para tratar desse trauma. A autora Jeanne Gagnebin afirma:

É próprio da experiência traumática essa impossibilidade do esquecimento, essa insistência na repetição. Assim, seu primeiro esforço consistia em tentar dizer o indizível, numa tentativa de elaboração simbólica do trauma que lhes permitisse continuar a viver e, simultaneamente, numa atitude de testemunha de algo que não podia nem devia ser apagado da memória e da consciência da humanidade. (GAGNEBIN, 2009, p. 99).

No excerto retirado do livro *Lembrar escrever esquecer* (2009), Jeanne notou essa problemática da experiência focada em outro viés. Inegavelmente, as pessoas que passaram pelos campos de concentração nazistas estão marcadas por esse passado inalterável e sombrio, marcadas – acima de tudo - pelos traumas; o passado, cuja estrutura o sujeito luta para não acontecer novamente, ou de outras formas, que nada de semelhante acontece, como destacou Theodor Adorno

(1970). Por assim dizer, quando a pessoa não consegue dar nome para a ordem do trauma, ele vai ser posto no corpo, caso não ocorra o ato de narrar para sair do sofrimento. É possível acrescentar que, por essa via, o ato de narrar é elaborar; e ser ouvido é encontrar reverberação para a ação do discurso do ser falante. Isto posto, manifesta-se com esse recorte, a experiência como aniquilamento do corpo e da linguagem, em que não há uma dignidade suficiente para o ato de simbolizar.

Retomando às discussões do autor Yi-Fu Tuan (1980) sobre espaço ficcional, nota-se o modo com que ele contorna as seguintes questões: “Quais são nossas visões do meio ambiente físico, natural e humanizado? Como o percebemos, estruturamos e avaliamos? Quais foram, e quais são, os nossos ideias ambientais?” (TUAN, 1980, p. 1). Os temas levantados neste instante são diferentes, no entanto, não deixam a desejar no diálogo, pois envolvem e problematizam as percepções, atitudes e valores pelos quais o ser humano perpassa no meio ambiente. Tuan resume muito bem os seus conceitos com as seguintes palavras:

Percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. *Atitude* é primariamente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências. *A visão do mundo* é a experiência conceitualizada. Ela é parcialmente pessoal, em grande parte social. Ela é uma atitude ou um sistema de crenças; a palavra *sistema* implica que as atitudes e crenças estão estruturadas, por mais arbitrária que as ligações possam parecer, sob uma perspectiva impessoal (objetiva) (TUAN, 1980, p. 4-5).

Nota-se que existem nas teorias sobre o estudo do espaço uma abrangência muito distinta ao se acercar a obra literária, como adverte Allan Torres:

O espaço não é objeto de estudo apenas da Linguística e da Teoria Literária. Há muito tempo, os homens refletem sobre o seu lugar no mundo e o estudam de diversas maneiras. Muito já se falou a respeito das diferentes civilizações e seus espaços em todos os segmentos do saber: Filosofia, Sociologia, História, Antropologia, para citar apenas alguns. Através de vários olhares, de vários recortes, como uma espécie de anatomia, fazendo estudos pormenorizados em diferentes e infundáveis pesquisas, tal categoria foi dissecada (TORRES, 2015, p. 73).

A intenção nesta pesquisa segue a reflexão em trazer o olhar do visitante, as ações do sujeito deslocado, o qual possui o ponto de vista estrangeiro carregando seus traços culturais e linguísticos. Diante dessa perspectiva, o olhar do visitante e do nativo são distintos, pois, nesse caso o visitante percebe o avesso da cidade, ao passo que o nativo ignora o que está diante dele todos os dias. Para Yi-fu Tuan:

O visitante e o nativo focalizam aspectos bem diferentes do meio ambiente. Em uma sociedade tradicional estável os visitantes e as pessoas de passagem constituem uma minoria da população total; suas visões do meio ambiente não têm, talvez, muita importância. Em nossa sociedade de alta mobilidade, as impressões fugazes das pessoas que estão de passagem não podem ser negligenciadas. Em

geral, podemos dizer que somente o visitante (e especialmente o turista) tem um ponto de vista; sua percepção frequentemente se reduz a usar os seus olhos como compor quadros. Ao contrário, o nativo tem uma atitude complexa derivada da sua imersão na totalidade de seu meio ambiente (TUAN, 1980, p. 72).

Cabe focalizar em outro ângulo o espaço como reflexo da identidade. O estudo do espaço não é apenas um dos pontos principais deste trabalho, sem contar que também faz parte de uma categoria dentro dos estudos literários de muita relevância para a compreensão de uma obra, mas é fundamental entender como se entrecruzam em uma narrativa.

O espaço da personagem em nossa narrativa seria, desse modo, um quadro de *posicionamentos* relativos, um quadro de coordenadas que erigem a identidade do ser exatamente como identidade relacional: o ser é porque se relaciona, a personagem existe porque ocupa espaços na narrativa. Percebemos a individualidade de um ente à medida que o percebemos em contraste com aquilo que se diferencia dele, à medida que o localizamos. Só compreendemos que algo é ao descobrirmos onde, quando, como – ou seja: em relação a quê – esse algo *está* (BRANDÃO, PESSÔA, 2019, p.68).

ANÁLISE DO ROMANCE

“Não pergunte por que lhe escrevo. Escrevo porque as palavras estão aí, como a cidade, a noite, a chuva, o rio, diante de mim, dentro de mim, uma torrente de palavras que não me cumprem” (ARNAUD, Marília). Com esta epígrafe *Quarenta Dias* é apresentada aos seus leitores e demonstra a experiência da cidade pelo olhar do visitante. O leitor acompanha os acontecimentos que se passam com a personagem Alice, no trânsito e mudança entre duas cidades: João Pessoa e Porto Alegre. No entanto, é em Porto Alegre que a personagem-narradora passará os seus quarenta dias de peregrinação. Nesse espaço, a mudança de lugar se instaura, “Alice é submetida a uma série de imposições que passam a colocar em xeque o seu estilo de vida e modo de se inscrever no mundo” (SILVEIRA, 2020, p. 83). Nas primeiras cenas, o enredo de instala pela viagem da narradora que leva consigo um caderno, objeto no qual ela escreverá suas andanças, observações e relato do que experiencia na cidade: “O caderno veio na minha bagagem por pura teimosia, mas com um destino oculto, tábua de salvação pra me resgatar do meio dessa confusão que me engoliu. Talvez” (REZENDE, 2014, p. 9).

A obra em questão apresenta-se como um romance cujo tema é o tempo passado nas ruas e faz referência ao deslocamento geográfico. Alice, a narradora, é obrigada a largar a sua casa e amigos na Paraíba por insistência da filha, Norinha, que mora em Porto Alegre e quer que a mãe se mude para perto e a ajude com a futura criança, a qual ainda está nos planos de gravidez. Insegura, desnorteada, a mãe, Alice, acaba cedendo. Mas ao notar que o que lhe foi prometido é apenas uma ilusão, ela decide fugir. A partir daí, ela se lança numa busca desesperada pelo filho de uma amiga, Cícero Araújo, que teria desaparecido em algum local da periferia. Para descrever a sua epopeia, ela se vale apenas de um caderno escolar, que é chamado de *Barbie*, sua interlocutora fictícia, pelo fato de a boneca estar estampada na capa.

O romance está dividido em trinta e quatro capítulos ou fragmentos que serão colocados na obra, como é caso dos panfletos recolhidos pelo chão. Além disso, outro detalhe do livro são as epígrafes de autores que, direta e indiretamente, dialogam com os temas e observações de cada capítulo. “Tratando-se da obra de Rezende, é importante ressaltar que a sua produção não apresenta um caráter autoficcional, embora seja amplamente marcada por seu percurso biográfico” (SILVEIRA, 2020, p. 38). Alguns personagens compõem a cena, a iniciar por Alice (narradora), Nora (filha de Alice), Milena (diarista), Tia Brites, Umberto (marido de Norinha), Aldenor (marido falecido de Alice).

A expressão “Quarenta dias”, que dá título ao livro, logo chama atenção pelo seu significado. Naira Nascimento (2020, p. 22) destaca o eco intertextual:

Quarenta dias é referência ao tempo passado nas ruas, vagando e dormindo nos recantos mais improváveis da cidade visível. Quarenta dias é também referência ao tempo bíblico de provação passado por Jesus no deserto, resistindo a todas às tentações.

Assim, a composição do título da obra pode imprimir logo no início da narrativa uma intertextualidade que vai sendo repetida e confirmada pela personagem diversas vezes: “Quarenta dias no deserto, quarenta anos” (REZENDE, p. 18, 2014) e em “Continuei por semanas minha romaria pelo avesso da cidade” (REZENDE, 2014, p. 235). Dessa maneira, a malha textual do texto de Maria Valéria vai sendo costurada pela intertextualidade – apesar de não ser um tema a ser explorado com afinco, será ponderado pela sua significância. Percebem-se, pois, várias referências intertextuais em outros aspectos, uma delas está no próprio nome da personagem “Alice”, fato esse que merece destaque, por ligar-se ao nome da personagem na obra *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll. Outrossim, há uma epígrafe no enredo da narrativa que corrobora com o sentido dessa intertextualidade ao citar: “[...] tão de repente que Alice nem teve tempo de tentar parar antes de despencar no que parecia ser um poço fundo” (REZENDE, 2014, p. 73).

Desse modo, é possível relacionar o traço da narrativa voltado para esses ecos intertextuais, os quais convocam os estudos de Linda Hutcheon (2006). A autora diz que nenhuma obra literária pode ser considerada original, um texto só adquire importância como parte dos discursos anteriores (HUTCHEON, 2006). Decerto, ela afirma que adaptações podem ser vistas como: uma transposição de uma obra já conhecida, em um processo reinterpretativo: “Na verdade, uma obra literária já não pode ser considerada original; se o fosse, não poderia ter sentido para seu leitor. É apenas como parte de discursos anteriores que qualquer texto obtém sentido e importância” (HUTCHEON, 1991, p. 166).

Traçando uma linearidade de pensamento, é interessante considerar que “a obra literária entra sempre numa relação de realização, de transformação ou de transgressão. E é, em grande parte, essa relação que a define” (LAURENTE, 1979, p. 5). A fim de corroborar com o pensamento anterior, Leyla Perrone-Moisés (2005, p. 71) argumenta a possibilidade de existir uma verdadeira intertextualidade crítica. Analogamente, tem-se o uso das citações, em que é “um dos processos mais clássicos da crítica literária já é, em certa medida, uma paródia”. Conquanto, Perrone-Moisés convoca a pensar que o mais interessante “não é uma simples adição de textos, mas o trabalho de absorção e de

transformação de outros textos por um texto, trabalho dificilmente realizável num tipo de crítica ciosa de declarar suas fontes”. De modo comparativo, foi possível constatar no romance *Quarenta dias* um número considerável de citações diretas, como é o caso das epígrafes em cada capítulo da escrita no caderno. Na presença dessas vozes estão os seguintes autores: Marília Arnaud, Luci Collin, José Luís Peixoto, Edson Amâncio, Maria José Silveira, Rosângela Vieira Rocha, Wislawa Szymborska, Daniel Pellizzari, Mo Yan, Ricardo Lísias, André R. Aguiar, Lewis Carroll, entre outros.

Nos primeiros episódios, a experiência com a mudança forçada se firma nos questionamentos da personagem: “[...] dizer claramente pra mim mesma o que tinha vergonha de dizer a qualquer pessoa, vergonha de dizer o que minha filha fez comigo?, ou da minha raiva, do meu próprio egoísmo querer ter minha própria vida?” (REZENDE, 2014, p. 42). O romance reflete os espaços da cidade que vão se compondo durante a procura incessante por notícias de Cícero Araújo, que desenha o quadro narrativo. Tratando-se de outro ponto, tem o emprego da linguagem mais próxima do coloquial, com a predominância de expressões regionais, ou seja, uma rede de exemplos de variação linguística geográfica insinuados nos trechos: “Mãinha tudo bem com você?, se cuide, viu! Saia de casa, vá se distrair!, um cheiro...” (REZENDE, 2014, p. 20). Seguindo o recorte e ao longo da leitura, as pontuações (vírgulas e pontos) se tornam, em muitos momentos, ausentes, quiçá isso seja para demonstrar a escrita no caderno mais próxima de um ensaio, em que não há a necessidade de revisão ou correção, o que fica claro no final do livro: “quem sabe ainda reabro estas páginas, passo tudo a limpo” (REZENDE, 2014, p. 245). Escrever da maneira como se experiencia, escrever sem se preocupar com as normas, tal como se faz em anotações de cunho pessoal, sejam essas no celular, no bloco de anotações, diários.

A estrutura da narrativa se constrói a partir de contextos simples. As cenas se enriquecem na medida em que as passagens pelas ruas vão pitando o quadro da ambientação e, com isso, se ligam com a temática de pensar as experiências nesse espaço. Assim, é possível comprovar que Alice representará o olhar de narrador por outra perspectiva, que é a do visitante.

Pronto, “my friend”, viu que promovi você a “friend”, Barbie? Saí andando, pensando em tudo o que ainda preciso escrever pra não sentir mais aquele frio na barriga, aquele apherio que me dá quando me vejo de novo na rua, como se ela me agarrasse e não quisesse mais largar, arrastando-me, rua-rio de novo. [...] Acho que meus quarenta dias de loucas andanças me tornaram uma atleta (REZENDE, 2014, p. 65).

Convém fixar no trecho acima o termo “rua-rio”, a rua ao lado e sendo comparada ao mar. A isso se deve ao fato de que a imagem do mar se refere à imensidão, sem borda, sem travessa e sem final. Desse modo, se dá o sentimento de criar formas ao observar o espaço. A personagem percorre por quarenta dias as ruas da cidade em busca de Cícero Araújo, adentrando em locais que emergem lembranças, choques culturais por se encontrar em um espaço estrangeiro. O sujeito se torna um estrangeiro, pois ele percebe o que é característico daquele lugar, que o nativo não percebe, porque sempre esteve ali na frente dele, uma vez que o estrangeiro consegue captar o avesso da cidade. Por isso, conforme Brandão e Pessoa (2019, p.68): “O espaço seria, em primeiro lugar, aquilo que podemos

perceber por meio de nosso corpo. O espaço que ocupo seria, especialmente, aquele que vejo”. Por sua vez, Yi-Fu Tuan afirma: “O ponto de vista do visitante, por ser simples, é facilmente enunciado. A confrontação com a novidade, também pode levá-lo a manifestar-se” (TUAN, 1980, p. 73). Ademais, são as emoções que fornecem a palheta de cores a toda experiência humana, a contar pelos níveis altos do pensamento (TUAN, 2015). Igualmente, Alice apresenta um quadro de novidades ao observar o pôr do sol e o nome das ruas:

Eu que sempre achei que tenho uma bússola na ponta do nariz, não conseguia me orientar nesta terra onde o sol está sempre pendendo pra algum lado impossível de identificar. (REZENDE, 2014, p. 97).

[...]

Só depois fui aprendendo que aqui as avenidas são andróginas: a Bento, a Borges, a Protásio, a Sertório, a Nilo, e por aí vai (REZENDE, 2014, p. 98).

A partir desta passagem, nota-se um signo de estranhamento voltado para a desorientação na cidade que, conforme Tuan (2015), o espaço é dado pela capacidade de se movimentar. Na prosa benjaminiana, há um jogo com a imagem do labirinto, as ruas sendo uma espécie de labirinto, lugar onde o personagem se perde como se perdesse em uma floresta. Em consonância com a ideia de labirinto, na interpretação da obra *O mal-estar na civilização* (1974), de Sigmund Freud, é possível depreender o sentimento de incompletude. A civilização criará esse sentimento que joga com a incompletude. Por exemplo, quando o sujeito fica diante do mar, o mar não aparenta ter fim.

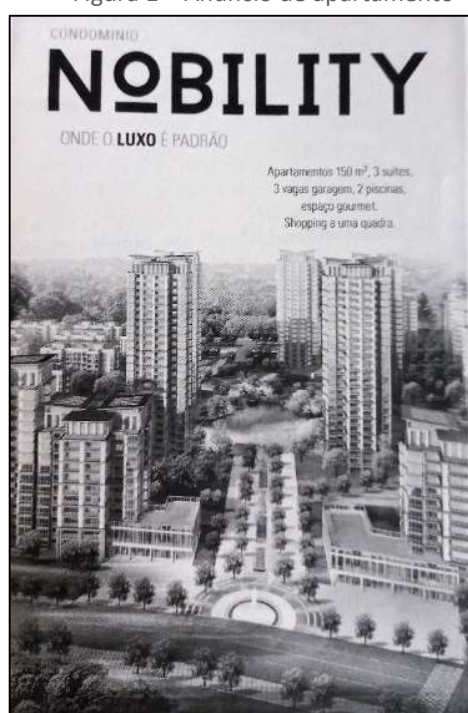
Não há nada de especial em não nos orientarmos numa cidade. Mas perdermo-nos numa cidade, como nos perdemos numa floresta é coisa que precisa de se aprender. Os nomes das ruas têm então de falar àquele que por elas deambula como o estalar de ramos secos, e as pequenas velas no interior da cidade mostrar-lhe a hora do dia com tanta clareza quanto um vale na montanha (BENJAMIN, 2020, p. 78).

Walter Benjamin, em seu texto *Tiergarten*, passa a mensagem de que perder-se na floresta demanda coragem, ou seja, o sujeito escolhe se perder, de modo proposital, para aprender. De modo análogo, Alice exprime por intermédio de suas impressões ao andar pelas ruas da cidade: “[...] dessa vez prestando atenção à placa, Rua Juarez Távora, pra não me perder demais, ou pelo menos pra poder escolher se queria ou não me perder, e fui dar numa praça onde estavam mulheres conversando e crianças brincando” (REZENDE, 2014, p. 127).

A narradora do romance *Quarenta dias*, Alice, tece criando uma rede de sentidos e significados para continuar existindo na cidade, o leitor acompanha a voz da personagem que, na pós-modernidade, tenta reencontrar o sentido das coisas nas palavras, por isso escreve: “Ontem descansei um bocado, estirada no sofá branco e agarrada com um livro, lendo o que outros contaram. Fiquei imaginando o quanto lhes custou escrever ou se, como eu, escreveram pra desabafar e se aliviar. Agora é minha vez” (REZENDE, 2014, p. 127).

Beatriz Resende e Nismária David fazem a análise da obra a partir da experiência do contato entre o corpo da protagonista e a cidade. As pesquisadoras aludem a Beatriz Sarlo (2014) e Pesavento (2002) sob as óticas de traduzir o espaço urbano e justificam a escolha da obra *Quarenta dias* pela forma como explora o lugar da violência e de alteridades. De fato, a narradora confessa: “Cheguei à rua, outra vez sem destino, continuei pela mesma calçada e, como sempre, um anjo qualquer, aquele era dia de anjos, Barbie” (REZENDE, 2014, p. 183). Igualmente, este episódio, entre tantos, manifesta a falta de objetivo na cidade. Como conduz os autores sobre esse aspecto: “Detecta-se a necessidade de desterritorializar-se, não pertencer a lugar nenhum, estar em trânsito permanente” (BRANDÃO, PESSÔA, 2019, p. 82).

Figura 1 – Anúncio de apartamento



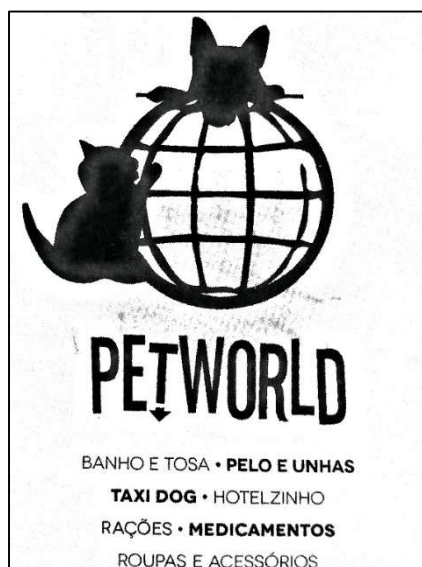
Fonte: Rezende (2014)

A Figura 1 é incorporada ao enredo, não só ela, mas uma série de outros cartões e panfletos publicitários são colocados no caderno. Com efeito, de acordo com a figura, o processo de modernização pelo qual a cidade passa é um processo inacabado; a cidade está sempre em constante transformação, os edifícios construídos cada vez se tornam mais altos, cobrindo a paisagem do céu, da lua, das árvores:

O sol já está baixando, daqui só se veem os últimos raios batendo num lado dos edifícios e das árvores, desenhadas na borda das silhuetas com um fiozinho de luz. Taí uma coisa que eu estou gostando nesta cidade, é o longo entardecer com essa luz rasante pra fotógrafo nenhum botar defeito... (REZENDE, 2014, p. 135).

Ainda assim, as transformações pelas quais a modernidade vai deixando os seus rastros faz com que se possibilite a criação e domesticação de animais e a construção de pet shops, segundo a figura 2: “Um cachorrinho lambia insistentemente a faixa nua entre a meia e a barra da calça na minha perna esquerda. Na outra ponta da corrente presa à coleira do bicho estava a menina loura (REZENDE, 2014, p. 164). As dinâmicas da cidade propõem pontos de vistas diferentes ao se retratarem do aspecto social. Existe um eixo no contexto narrado, baseado na figura 2, em que detecta um problema que desponta na cidade. A personagem – ao dormir em terminais rodoviários –, sinalizou a problemática que está voltada para os que ficam à margem na cidade: a população em situação de rua.

Figura 2 – Cartão Publicitário Pet Shop



Fonte: Rezende (2014)

E nesse interim Alice confirma: “Sabe o que descobri nessas minhas viagens?, os muito ricos e os muito pobres são iguais em toda parte” (REZENDE, 2014, p. 149). Por certo, Raquel Silveira (2020) havia alertado para esse contexto no qual a obra se configura ao mostrar estas perspectivas sociais: a espoliação urbana, a violência, a favelização. Noutras palavras: a autora “denuncia as condições de vida do meio urbano, a cidade dividida entre ricos e pobres, fazendo tanto a descrição do espaço físico quando do espaço social em que circula as figura humanas que cruzam seu caminho” (REZENDE, 2016, p. 15).

Nos episódios finais, há uma passagem voltada para o habitante do espaço urbano que, conforme Brandão e Pessôa (2019), é concebido como um sujeito rasurado e deslocado:

Várias vezes, porém, me reaparecia a necessidade de procurar por Cícero, talvez apenas pra marcar compasso naquela andança fluida e dar-lhe de novo algum sentido, fazia de conta que ia em busca dele e tomava um ônibus qualquer, até um terminal de onde partiam outras

linhas para os municípios em torno de Porto Alegre, descia no ponto final e recomeçava a peregrinar, olhando o que houvesse, avenidas e becos perguntando por Cícero Araújo (...) (REZENDE, 2014, p. 214).

Contudo, Maria Valéria trabalha com a temática do espaço em mostrar a personagem sem destino, característico de um andarilho, tão bem explorado na ficção de Walter Benjamin. Nesse sentido, o romance reflete o papel social problematizando através das observações enquanto andarilha, nos rastros dos seus quarenta dias de peregrinação (REZENDE, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho foi investigado sob a luz do pensamento de Yi-Fu Tuan (1980 e 2015), o espaço e lugar, a perspectiva da experiência no enredo de *Quarenta dias*, bem como o estudo sobre o reflexo da cidade na identidade da personagem. Ainda mais, foram indicados os elementos intertextuais que compõem na obra de Maria Valéria Rezende. Essas vertentes teóricas serviram para interpretar o texto e realizar a análise da narrativa.

Para tanto, foi discutida a ideia de espaço ficcional, como processo de criação literária, a qual comparece como uma das categorias fundamentais no campo da literatura. Assim, Marisa Gama-Khalil propôs caminhos possíveis para a investigação do espaço como tendência de estudos literários contemporâneos que, apesar da relevância para a crítica literária, ainda necessita de atenção. Como meio de traçar diálogos pertinentes, foi explicitado e discutido vieses sobre a literatura que discute o tema do espaço – abordado por Luis Brandão e Silva Pessôa (2019) – atrelados ao estudo da experiência do espaço e lugar em Yi-Fu Tuan (1980 e 2015) e Walter Benjamin (2020).

Sendo assim, João Pessoa e Porto Alegre são cidades, onde foram exploradas a riqueza da ambientação, com ênfase na segunda, a estrutura da cidade, além de funcionar como elemento para a recorrência da desterritorialização da personagem, pois, conforme Brandão e Pessôa (2019, p. 68): “quando falamos de espaço na análise de uma narrativa literária, pensamos, imediatamente, no espaço físico por onde as personagens circulam”.

Em síntese, a narrativa *Quarenta dias* (2014) foi analisada a partir do universo criacional da obra, que segue a coerência interna do texto. No romance, são tratadas questões pertinentes para formação da consciência do mundo contemporâneo, tais como: a visão do estrangeiro, a perspectiva da experiência no espaço e lugar, a identidade como construto e conflito do sujeito na pós-modernidade. Portanto, após a análise do texto, foi possível alcançar o objetivo de mostrar os efeitos dos elementos ficcionais sobre a narrativa.

Space and identity in *Quarenta Dias* (2014), by Maria Valéria Rezende

ABSTRACT

The purpose of this work is to analyze “Quarenta dias” (2014), by Maria Valéria Rezende, in order to dialogue with the trends of contemporary Brazilian literature. The work becomes a reference to the time spent on the streets, traveling and sleeping on the corners of the city and, for this reason, shows the representation of space and the subjective experience of the individual. Based on this perspective, this work investigates narrative spatiality as a reflection of identity in the novel. Methodologically, the research is qualitative, based on literary analysis and anchored in the bibliographic-exploratory method.

KEYWORDS: Maria Valéria Rezende. Fictional space. Novel. Identity.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Rua de Mão única: Infância berlinense: 1900. Tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BRANDÃO, Luís Alberto; OLIVEIRA, Silvana Pessôa. Sujeito, tempo e espaço ficcionais. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. Sombras da cidade o espaço na narrativa brasileira contemporânea. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, v. 21, p. 33–53, 2003. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9619>. Acesso em: 16 abr. 2021.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. O lugar teórico do espaço ficcional nos estudos literários. Revista da Anpoll, [s. l.], v. 1, n. 28, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i28.166>. Acesso em: 20 abr. 2021.

HUTCHEON, Linda. Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção. Imagoed. Rio de Janeiro: 1991, 1991. E-book.

MENEZES, Marco Antonio. Benjamin: Olhares sobre o urbano. João Pessoa, 2003.

NASCIMENTO, Naira de Almeida. "Carta à rainha louca" e "Quarenta dias": tempos históricos em processo de refração. In: _____. MORAIS, Eunice (org). Leituras de Ficção histórica: Literatura, cinema, identidades. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020.

RESENDE, Beatriz Viera de; DAVID, Nismária Alves. A cidade e a escrita do corpo em Quarenta dias. n. 30. Vitória: Revista Contexto, 2016.

REZENDE, Maria Valéria. Quarenta dias. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

SILVEIRA, Raquel Mariane da. Outras cartografias: a narração de espaços e sujeitos à margem em romances de Conceição Evaristo e Maria Valéria Rezende. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, 2020.

TORRES, Alan Bezerra. Manuel de Barros: a poética da infância e dos espaços. 1 ed. – Curitiba: Appris, 2015.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira – Londrina: Eduel, 2015.

TUAN, Yi- Fu. Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo: DIFEL/ Difusão Editorial, 1980.

Recebido: 9 jan. 2023.

Aprovado: 18 jan. 2023.

DOI: 10.3895/rde.v13n22.16293

Como citar:

MODESTO, A. B. Espaço e identidade em Quarenta Dias (2014), de Maria Valéria Rezende. R. Dito Efeito, Curitiba, v. 13, n. 22, p. 1-16, jul./dez. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/de>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

